

Pesquisa comprova a falência do sistema hospitalar

Rede aumentou de 81 a 87 e baixou número de leitos

Nos últimos anos, tem aumentado, no Rio, o número de hospitais, ambulatórios, clínicas e postos de saúde e diminuído o de leitos. Entre 1981 e 1987, foram construídas 225 unidades de saúde, mas a oferta de leitos caiu de 75.953 para 68.293 e o número de consultas por habitante também se reduziu. A constatação é da sanitarista Sarah Escorel, da Escola Nacional de Saúde, da Fiocruz. Ela faz uma pesquisa sobre a política de saúde no Estado.

Na pesquisa, a sanitarista comprova que de nada adianta a inauguração de hospitais e ambulatórios, se não houver um investimento paralelo e permanente na contratação de médicos, enfermeiros, auxiliares, técnicos, além da construção de laboratórios e equipamentos com boa manutenção. Segundo Sarah Escorel, os dados computados permitem afirmar que "o sistema de saúde no Rio está em franca decadência".

Se foram construídos mais hospitais, policlínicas, centros de saúde e postos de assistência médica — públicos e privados — e, no mesmo período, a população aumentou em 16%, "deveria haver também aumento de leitos, assim como maior produção de serviços. Mas aconteceu exatamente o contrário", constata, espantada, a pesquisadora: "A população cresceu, mas também empobreceu, ficando menos saudável."

A desativação de leitos, em razão principalmente da carência de recursos, tem como uma de suas principais causas a queda da participação do Rio nas verbas do Inamps, na última década — afirma a sanitarista. Embora, em termos nacionais, o repasse de recursos tenha aumentado, no Estado

do Rio houve uma queda de 17% — constata Sarah Escorel.

No período estudado, a população economicamente ativa do Estado cresceu sobretudo nas faixas de rendimento muito baixo, entre um e dois salários mínimos. Observou-se, no entanto, uma diminuição da mortalidade infantil, o que é atribuído pela pesquisadora ao aumento do número de domicílios ligados à rede geral de água e esgotos. "O que melhorou, contudo, não dá para compensar o que piorou. O sistema de saúde está mesmo em total decadência", diz ela.

As especialidades mais atingidas com a desativação de leitos, entre 81 e 87, foram cirurgia, gineco-obstetrícia, clínica médica e cirúrgica, pediatria, dermatologia sanitária e tísio-pneumologia. Apenas no setor de cancerologia houve aumento de leitos.

Incompetência — Sarah Escorel atribui a decadência do sis-

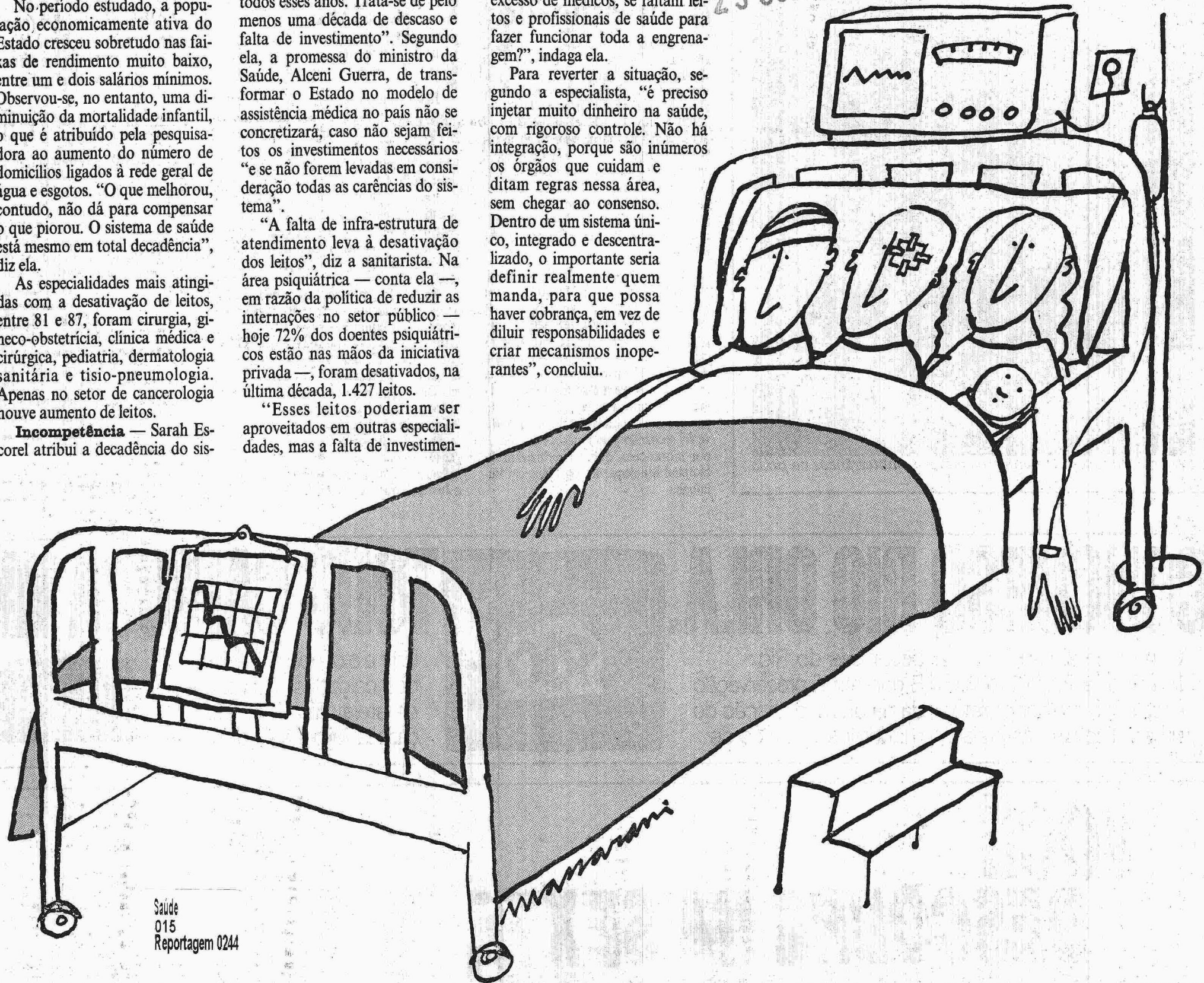
tema de saúde no Rio "à incompetência da política adotada todos esses anos. Trata-se de pelo menos uma década de descaso e falta de investimento". Segundo ela, a promessa do ministro da Saúde, Alcení Guerra, de transformar o Estado no modelo de assistência médica no país não se concretizará, caso não sejam feitos os investimentos necessários "e se não forem levadas em consideração todas as carências do sistema".

"A falta de infra-estrutura de atendimento leva à desativação dos leitos", diz a sanitarista. Na área psiquiátrica — conta ela —, em razão da política de reduzir as internações no setor público — hoje 72% dos doentes psiquiátricos estão nas mãos da iniciativa privada —, foram desativados, na última década, 1.427 leitos.

"Esses leitos poderiam ser aproveitados em outras especialidades, mas a falta de investimen-

tos não permitiu essa providência. Como o ministro pode falar em excesso de médicos, se faltam leitos e profissionais de saúde para fazer funcionar toda a engrenagem?", indaga ela.

Para reverter a situação, segundo a especialista, "é preciso injetar muito dinheiro na saúde, com rigoroso controle. Não há integração, porque são inúmeros os órgãos que cuidam e ditam regras nessa área, sem chegar ao consenso. Dentro de um sistema único, integrado e descentralizado, o importante seria definir realmente quem manda, para que possa haver cobrança, em vez de diluir responsabilidades e criar mecanismos inoperantes", concluiu.



23 JUL 1990

JORNAL DO BRASIL